

**Rubem Braga**

Coneio do Povo 21.11.82

Ele & Ela julho 80

DN 16/11/67

## MAS QUE COISA TÃO BARATA

ESTE ano de 1961 vou passar o carnaval no Recife. Já vou tarde, devia ter ido uns trinta anos atrás, rapazinho ainda, capaz de aprender a dançar o frevo; mas vou mesmo, senão viver pelo menos ver o carnaval de lá.

Morei no Recife alguns meses em 1935, primeiro numa água-furtada da Rua da União com Ulisses Braga, o hoje crítico Waldemar Cavalcanti e o hoje sociólogo Manuel Diégues Júnior; depois na Rua dos Pires, em casa do Sr. Salomão e dona Bertha, pais do hoje médico - indígena - volante e benemérito brasileiro Noel Nutels, judeu russo, antigo animador da Jazz-Band Acadêmica de Pernambuco, juntamente com um rapazinho Lourenço funcionário do Banco do Brasil que já era o grande compositor Capiba, de frevos e maracatus; de um mancebo de espinhas na cara que é hoje o colunista e compositor Fernando Lôbo — e dos irmãos Suassuna, então estudantes de Medicina, que sabiam cantar umas coisas pungentíssimas e engraçadíssimas do sertão, me lembro tanto deles, João e Saulo, não conheci foi esse Ariano, irmão deles também, mas naquele tempo ainda não havia, pelo menos em Pernambuco; esse Ariano que haveria de soprar um vento violento novo no teatro brasileiro.

Sábado à noite a gente ia para casa de Alfredo Medeiros ouvir violas e ouvir Leda, que cantava maracatus de Ascenço Ferreira. Lembro-me da impressão de espanto que me produziu Ascenço — o bruto volume do corpo, a extensão da cara de ladrão-de-cavalo e bom sujeito, cara de bêbedo com pesados encargos de família, cara de revolucionário mexicano prêso por engano na Guatemala, cara de pintor de gênio e de prefeito português

ao mesmo tempo. Cara que eu vi vastamente desconsolada uma vez que êle cantou uma coisa para Tônia Carrero ouvir e o chofer de táxi comentou candidamente: "isso é bonito é cantado..."

Não, Ascenço não canta, mas diz seus versos como ninguém, a voz parece vir de seu grande coração, grande coração de bói, generoso e lerdo. "Nunca mais — me disse êle certa vez — nunca mais posso fazer um poema como êsse que recitei agora, gastei vinte anos para fazer êsse." O poema era aquêle do trem de ferro que vai para Catende danado pra chegar, passa pelo mangue, pelo partido de cana, pela morena do cabelo cacheado. Ascenço queria dizer que foram vinte anos de viagens pela Great Western que criaram o poema. Porque êsse poeta explica seus poemas, isto é, explica o que se pode explicar em um poema, o resto, o "mistério", isso não é essencialmente seu, é do profundo mundo do Nordeste, êsse Nordeste rico de povo, onde às vêzes acontece...

Às vêzes acontece por exemplo o que três rapazes me contaram, que uma noite, no mato, ouviram longe uma cantoria muito triste que se repetia sem parar, e então foram no rumo daquela música na escuridão da noite. Andaram muito, errado e certo, até que toparam um casebre no meio do mato e havia um negro velho que cantava esta coisa apenas: "Um milheiro de tijolos — custando meia pataca" — e havia umas mulheres de vozes esganiçadas, agudíssimas como gritos de dor, que respondiam — "ai minha mãe de Deus — mas que coisa tão barata."

E no meio da sala, num caixão de pinho sem fôrro, aberto, o defunto que êles velavam.

459 - 4.2.61